


Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2021

Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)



EDUCAÇÃO:
SOCIEDADE CIVIL, ESTADO
E POLÍTICAS EDUCACIONAIS
2



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abraão Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Kimberlly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: sociedade civil, estado e políticas educacionais 2
/ Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta
Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-780-2

DOI 10.22533/at.ed.802210102

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da
(Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos em 2020 pela pandemia do novo coronavírus. Nesse entremeio de suspensão de atividades e de distanciamento social, fomos levados a repensar as nossas relações e a forma de ver o mundo. Mesmo em 2021 e com a recente aprovação do uso emergencial das vacinas no Brasil, seguimos um distanciamento permeado por angústias e incertezas: como será o mundo a partir de agora? Quais as implicações do contexto pandêmico para as questões sociais, sobretudo para a Educação no Brasil? Que políticas públicas são e serão pensadas a partir de agora em nosso país?

E é nesse lugar histórico de busca de respostas para as inúmeras problemáticas postas nesse período que estão os autores e autoras que compõe esse livro. Sabemos, partindo do que nos apresentaram Silva, Nery e Nogueira (2020, p. 100), que as circunstâncias do contexto pandêmico são propícias e oportunas para construção de reflexões sobre os diversos “aspectos relativos à fragilidade humana e ao seu processo de ser e estar no mundo, que perpassam por questões culturais, educacionais, históricas, ideológicas e políticas”. Essa pandemia, ainda segundo os autores, fez emergir uma infinidade de problemas sociais, necessitando assim, de constantes lutas pelo cumprimento dos direitos de todos.

Esse movimento sistemático de olhar para as diversas problemáticas postas na contemporaneidade, faz desencadear o que o que Santos (2020, p. 10) chamou de “[...] claridade pandêmica”, que é quando um aspecto da crise faz emergir outros problemas, como os relacionados à sociedade civil, ao Estado e as políticas públicas, por exemplo. É esse, ainda segundo o autor, um momento catalisador de mudanças sociais. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade, portanto, é um desafio, aceito por muitas professoras e professores pesquisadores brasileiros, como os compõe esse livro.

Destarte, as discussões empreendidas nesta obra, “**Educação: Sociedade Civil, Estado e Políticas Educacionais**”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussões e (re)pensar da Educação, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam. Reúne-se aqui, portanto, um conjunto de textos originados de autores e autoras de diferentes estados brasileiros e países.

Os autores e autoras que constroem essa obra são estudantes, professoras e professores pesquisadores, especialistas, mestres, mestras, doutores ou doutoras que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores/autoras e discussões por eles e elas empreendidas, mobilizam-se também os leitores/leitoras e os incentiva a reinventarem

os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e todas uma instigante e provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

REFERÊNCIAS

SILVA, A. J. N. DA; NERY, ÉRICA S. S.; NOGUEIRA, C. A. Formação, tecnologia e inclusão: o professor que ensina matemática no “novo normal”. **Plurais Revista Multidisciplinar**, v. 5, n. 2, p. 97-118, 18 ago. 2020.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

CARTOGRAFIA DE UMA MILITÂNCIA MOLECULAR: A REVOADA SECUNDARISTA DE 2016

Fernando Hiromi Yonezawa
Lígia Caroline Pereira Pimenta
Marcia Roxana Cruces Cuevas

DOI 10.22533/at.ed.8022101021

CAPÍTULO 2..... 17

HOMESCHOOLING: DESAFIOS DO ENSINO DOMICILIAR NO MUNICÍPIO DE VITÓRIA - ES

Mateus Xavier Corrêa
Sebastião Pimentel Franco

DOI 10.22533/at.ed.8022101022

CAPÍTULO 3..... 28

AUXÍLIO MORADIA NO IF BAIANO *CAMPUS* SANTA INÊS – UM REFLEXO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS

Nelian Costa Nascimento
Nívia Barreto dos Anjos
Tailan Bomfim Andrade

DOI 10.22533/at.ed.8022101023

CAPÍTULO 4..... 39

CREATION OF EDUCATIONAL RESOURCES IN ART HISTORY USING SEMANTIC TECHNOLOGIES

Antonio Sarasa Cabezuelo

DOI 10.22533/at.ed.8022101024

CAPÍTULO 5..... 51

AS METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: REFLETINDO SOBRE PRÁTICAS COLETIVAS

Dayane Horwat Imbriani de Oliveira
Taissa Vieira Lozano Burci
Sílvia Eliane de Oliveira Basso
Renata Oliveira dos Santos
Patrícia Lakchmi Leite Mertzig
Camila Tecla Morteau Mendonça

DOI 10.22533/at.ed.8022101025

CAPÍTULO 6..... 57

EXPERIENCIAS PEDAGÓGICAS EN ZONAS RURALES

Yuli Paulin Barinas Soto
Sara Lucía Gonzalez Aroca
Sandra Geraldine Ramírez Palacios

DOI 10.22533/at.ed.8022101026

CAPÍTULO 7	65
EDUCAÇÃO E CIDADANIA: O COMPROMISSO DOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS NA EFETIVAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	
Maria Leonilde da Silva.	
Antônio Rodrigues da Silva Filho	
DOI 10.22533/at.ed.8022101027	
CAPÍTULO 8	77
REPRESENTAÇÕES SOBRE A ESCRAVIDÃO NOS LIVROS DIDÁTICOS: O QUE MUDOU TRANSCORRIDOS DEZ ANOS DA LEI 10.639/03?	
Caio Pinheiro Oliveira	
Áurea Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.8022101028	
CAPÍTULO 9	88
A IMAGEM DO QUE É SER ALUNO: UM ESTUDO À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL	
Douglas Soares Freitas	
Gabriela Sanchez Benevides	
DOI 10.22533/at.ed.8022101029	
CAPÍTULO 10	96
O PROCESSO DE IN/EXCLUSÃO ESCOLAR DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL: A COMPREENSÃO DOS PROFESSORES E AS POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL	
Claunice Maria Dorneles	
DOI 10.22533/at.ed.80221010210	
CAPÍTULO 11	104
BEING PARENTS OF TEENAGE CHILDREN IN THE CITY. INTERCULTURAL MEDIATION AS “EDUCATIONAL STYLE” OF INCLUSION AND CITIZENSHIP	
Margherita Cestaro	
DOI 10.22533/at.ed.80221010211	
CAPÍTULO 12	119
EJA: DIREITOS SOCIAIS EM CONFLITOS COM AS “NOVAS” IDEOLOGIAS	
Maurenilce Lemes da Silva	
Heloisa Salles Gentil	
Cálita Fernanda de Paula Martins	
DOI 10.22533/at.ed.80221010212	
CAPÍTULO 13	125
A GESTÃO DEMOCRÁTICA DENTRO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM CAMPO GRANDE – MS	
Maria Luiza Silva Toesca	
Juliana Cristina Ribeiro da Silva	
Juliana Roberta Paes Fujihara	

Manoel Garcia de Oliveira
Simone Cecon
Patrícia Helena Mirandola Garcia
DOI 10.22533/at.ed.80221010213

CAPÍTULO 14..... 138

PERSPECTIVAS DE ESTUDOS COMPARATIVOS DA FORMAÇÃO E CARREIRA DOCENTE: NECESSIDADES DE COOPERAÇÃO ENTRE AS POLÍTICAS NO ÂMBITO DO MERCOSUL

Magali de Fátima Evangelista Machado
Célio da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.80221010214

CAPÍTULO 15..... 159

APLICAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR E ACEITAÇÃO DOS DISCENTES – ESTUDO DE CASO

Ana Cristina Trindade Cursino
Carla Cristina Bem
Crizieli Silveira Ostrovski
Carolina Castilho Garcia

DOI 10.22533/at.ed.80221010215

CAPÍTULO 16..... 170

USO DAS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS COMO POLÍTICA PÚBLICA DE COMBATE À VULNERABILIDADE SOCIAL JUVENIL: EXPERIÊNCIAS DE ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE ENSINO MÉDIO DO CEARÁ

Daiana de Jesus Moreira
Maria Socorro Braga Silva
Antonio Cid Freitas Barros

DOI 10.22533/at.ed.80221010216

CAPÍTULO 17..... 180

AMBIENTAÇÃO EM PLATAFORMAS DE E-LEARNING. PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DA UCM-CED

Vilma Tomásia da Fonseca Francisco Manuel
Heitor Simão Mafanela Simão

DOI 10.22533/at.ed.80221010217

CAPÍTULO 18..... 195

IMPLEMENTACIÓN DE UN DISPOSITIVO DIDÁCTICO RECORRIDO DE ESTUDIO E INVESTIGACIÓN EN ESTADÍSTICA PARA ESTUDIANTES DE INGENIERÍA EN CONSTRUCCIÓN

Carmen Cecilia Espinoza Melo

DOI 10.22533/at.ed.80221010218

CAPÍTULO 19..... 204

CICLOS DE APRENDIZAGEM NA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL: A NECESSIDADE DE SE DISCUTIR A FORMAÇÃO CONTINUADA DE

PROFESSORES

Livia Gonçalves de Oliveira

Otília M.A. da Nóbrega Dantas

DOI 10.22533/at.ed.80221010219

CAPÍTULO 20.....216

MEJORA DEL RENDIMIENTO ACADÉMICO MEDIANTE LA APLICACIÓN DE METODOLOGÍAS DE TRABAJO EN EQUIPO Y SISTEMAS DE RESPUESTA INMEDIATA EN LA UNIVERSIDAD CHINA

Xiaochen Yang

Jia Fu

Francisco Rodríguez-Sedano

Miguel Ángel Conde-González

DOI 10.22533/at.ed.80221010220

SOBRE O ORGANIZADOR.....229

ÍNDICE REMISSIVO.....230

CAPÍTULO 10

O PROCESSO DE IN/EXCLUSÃO ESCOLAR DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL: A COMPREENSÃO DOS PROFESSORES E AS POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL

Data de aceite: 01/02/2021

Claunice Maria Dorneles

UNIGRAN Capital

Campo Grande/MS

<http://lattes.cnpq.br/6310386287918860>

Trabalho apresentado no XX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino 2020.

RESUMO: Este trabalho tem como principal objetivo analisar a compreensão dos professores do ensino regular que possuem estudantes com deficiência visual em suas salas de aula, sobre a in/exclusão desses estudantes em suas práticas pedagógicas, bem como, visa compreender os processos de in/exclusão escolar quanto às possibilidades de emancipação social. A abordagem metodológica adotada é de cunho qualitativo, fundamentada em teóricos críticos da educação. O recorte temporal para pesquisa de campo no período compreendido entre 2007 a 2012. Os instrumentos de coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas e observações. As análises dos dados nos guiaram para os seguintes resultados: a in/exclusão dos estudantes com deficiência visual no ensino regular numa perspectiva dos professores implicou a consciência dos obstáculos, mas também a esperança e um posicionamento diante das práticas e teorias educacionais vividas nas escolas. Verificou-se que a prática do processo de inclusão e o exercício de uma

cidadania emancipada devem ocorrer em todos os momentos e espaços da escola. Dessa forma, a inclusão escolar é um processo múltiplo, que resulta em ganho para os estudantes com deficiência visual, ao se apropriarem das informações recebidas das pessoas que enxergam em seu entorno, que ao oferecerem ajuda, aprendem como ajudar. Defende-se que os professores que lecionam no ensino regular para turmas que possuem estudantes com deficiência visual, em processo de inclusão, reconhecem e fortalecem a luta dos estudantes privados da visão para estarem incluídos. Os professores também reconhecem que com os recursos adequados e o tratamento de forma respeitosa favorecem um ambiente de confiança e de esperança, em que tanto estudantes com deficiência e/ou sem deficiência visual, bem como os professores, constroem um processo de emancipação social.

PALAVRAS-CHAVE: In/exclusão. Deficiência visual. Emancipação social.

THE PROCESS OF SCHOOL IN / EXCLUSION OF STUDENTS WITH VISUAL DISABILITY: THE UNDERSTANDING OF TEACHERS AND THE POSSIBILITIES OF SOCIAL EMANCIPATION

ABSTRACT: This work has as main objective to analyze the comprehension of teachers of regular education that have visually impaired students in their classrooms, about the in / exclusion of these students in their pedagogical practices, as well as, it aims to understand the processes of school in / exclusion regarding the possibilities of

social emancipation. The methodological approach adopted is of a qualitative nature, based on critical theorists of education. The time frame for field research in the period from 2007 to 2012. The data collection instruments were semi-structured interviews and observations. The analysis of the data guided us to the following results: the in / exclusion of students with visual impairment in regular education from the perspective of the teachers implied the awareness of the obstacles, but also the hope and a positioning in relation to the educational practices and theories experienced in schools. It was found that the practice of the inclusion process and the exercise of an emancipated citizenship must occur at all times and spaces in the school. Thus, school inclusion is a multiple process, which results in gains for students with visual impairments, by appropriating the information received from the people they see in their surroundings, who, when offering help, learn how to help. It is argued that teachers who teach in regular education for classes with visually impaired students, in the process of inclusion, recognize and strengthen the struggle of students without vision to be included. Teachers also recognize that with adequate resources and respectful treatment, they favor an environment of trust and hope, in which both students with disabilities and/or without visual impairment, as well as teachers, build a process of social emancipation.

KEYWORDS: In/exclusion. Visual impairment. Social emancipation.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste artigo, descreve-se e analisa-se o que dizem os professores do ensino regular que possuem estudantes com deficiência visual em suas salas de aula sobre a in/exclusão no processo de escolarização na educação básica, especialmente no que se refere às possibilidades de emancipação social desses estudantes.

A abordagem metodológica adotada foi qualitativa, e a pesquisa de campo foi realizada em quatro escolas da rede pública, tendo cinco professores de diferentes áreas do conhecimento da educação básica como sujeitos participantes. Os critérios utilizados para a seleção dos sujeitos da pesquisa foram os seguintes: docentes da rede estadual e da rede municipal de ensino de Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul.

A pesquisa, aqui entendida como um ato político, fundamentou-se nos teóricos críticos da educação, dentre os quais se destacam as contribuições de Apple, Au e Gandin (2011), Freire (1987, 2005, 2008, 2011), Santos e Nunes (2003), Lopes e Fabris (2013) e Slee (2011), entre outros que problematizam o processo de in/exclusão escolar. A teoria crítica “[...] busca expor o modo como as relações de poder e desigualdade (social, cultural, econômica...) [...] são postas em questão na educação formal e informal das crianças e dos adultos.” (APPLE; AU; GANDIN, 2011, p. 14).

Com base nessa perspectiva teórica, assume-se que a inclusão e a exclusão são processos inseparáveis, pois, conforme defendem Lopes e Fabris (2013, p. 110-111), “[...] a in/exclusão deve ser a condição para pensarmos as nossas práticas educativas escolares”, uma vez que “a inclusão e a exclusão não são opostas uma da outra, são faces da mesma moeda.”

Dessa forma, procurou-se realizar uma pesquisa pautada em ações dialógicas e transformadoras, buscando analisar as falas dos pesquisados a partir dos interlocutores citados. Buscou-se, ainda, no processo de estada no território dos e com os professores que foram sujeitos da pesquisa, extrair informações sobre o convívio desses profissionais junto aos estudantes com deficiência visual.

A compreensão desses professores sobre a escolarização, os processos de in/exclusão e as possibilidades de emancipação social do estudante com deficiência visual esteve presente em suas falas, em suas práticas docentes e, sobretudo, em suas crenças e esperanças.

O PROCESSO DE IN/EXCLUSÃO ESCOLAR E AS POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL

A escola consiste em um espaço social em que, segundo Machado (2009, p. 71), “[...] por mais que tenha sido imposta a ideia de homogeneização das turmas, o que as move é a heterogeneidade, a multiplicidade e a complexidade.” Partindo desse prisma, a inclusão social deve estar no projeto político pedagógico escolar.

Nesse sentido, para a professora Joana, as condições dadas ao estudante são fundamentais para a concretização de uma educação inclusiva.

Eu procuro contribuir para esse movimento da inclusão de uma forma efetiva. Porque eu acho que só ter o aluno na sala, você só está ali, não é de fato a inclusão. Você tem que proporcionar que esse aluno cresça, que esse aluno aprenda, que ele tenha condições de se desenvolver como os outros. Só estar ali, não resolve! (Professora Joana).

A prática da inclusão e o exercício de uma cidadania emancipada devem ocorrer em todos os momentos e espaços da escola. No entanto, Machado (2008, p. 43) chama atenção para o fato de que “[...] em diferentes instituições de ensino consideradas inclusivas, existem apenas práticas pontuais acunhadas de inclusão, realizadas por um educador ‘extraterrestre’ que tem dignidade e respeita a dignidade e a singularidade de seus educandos.”

Seguindo a perspectiva da teoria crítica da educação que pauta a tese, percebe-se que a inclusão escolar continua acontecendo em espaços específicos, o que dá o tom de in/exclusão. Apesar disso, o professor de Matemática Joaquim afirma, de maneira otimista:

Eu admiro a vontade própria que ele tem [referindo-se ao estudante cego]. De aprender mesmo. Porque aqui nós temos alunos que, de uma certa parte, estão interessados apenas no Modelo dezoenove. Então, você não vê tanto empenho de querer aprender mesmo. De querer saber o porquê. E isso, ele quer saber. Então, o que me chama atenção nele é a vontade, do querer dele! Dele falar: “Eu quero aprender. Eu não estou aqui só para ouvir. Mas eu quero entender o que está sendo dito.” É isso que faz com que eu admire o Hugo. (Professor Joaquim).

Para Souza (2008), a valorização dos referenciais perceptivos do aluno cego ou com baixa visão pelos professores e colegas que trabalham em sala de aula e fora dela contribui para perceber, pensar e agir. A oportunidade de convivência pode proporcionar uma constante troca, ampliando tanto as potencialidades do estudante com deficiência visual como dos demais estudantes e professores que enxergam.

Sob essa ótica, percebe-se que a inclusão escolar é um processo múltiplo, que resulta em ganho para os estudantes com deficiência visual, que podem se apropriar das informações recebidas das pessoas que enxergam em seu entorno, e para as pessoas que oferecem auxílio, pois aprendem a atuar como mediadores da aprendizagem e quais os tipos de ajuda proporcionam a emancipação desses estudantes. Nas palavras de Freire (2005, p. 79), “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa.”

Percebe-se essa premissa também na fala do professor Joaquim:

Ele [referindo-se ao estudante cego, Hugo] diz que cada vez, **ele aprende muito mais do que ele já sabe. E o que mais assim me deixa feliz, que é gratificante para mim, que eu vi uma grande evolução por parte do Hugo. Em tudo. Como socialmente dizendo, cognitivamente dizendo. Ele superou muito às expectativas, tanto minhas, como as dele.** E agora faltam poucas provas, ele está acabando. Então assim, no início parecia que ia ser uma dificuldade. Mas depois se tornou muita facilidade. (Professor Joaquim, grifo nosso).

De acordo com Machado (2009), o objetivo da escola não é levar todos os estudantes a um nível de desenvolvimento padrão, e o professor Joaquim demonstra compreender que o processo pedagógico tem especificidades que devem ser levadas em consideração quando se pretende uma educação inclusiva.

Na perspectiva inclusiva e de uma escola de qualidade, os professores não podem duvidar das possibilidades de aprendizagem dos alunos, nem prever quando esses alunos irão aprender. A deficiência de um aluno também não é motivo para que o professor deixe de proporcionar-lhe o melhor das práticas de ensino e, [...] deve partir da capacidade de aprender desses e dos demais alunos, levando em consideração a pluralidade das manifestações intelectuais. (MACHADO, 2009, p. 72-73).

A professora Carolina, de forma positiva e otimista, ao relatar suas observações sobre o cotidiano da sala de aula com o estudante cego, afirma que a busca de superação acontece a todo instante e, por não ficar presa às limitações da cegueira, passa ser um referencial para os demais colegas de sala. A professora também percebe que há outras formas de percepção.

Então. Só a gente observa, cada vez eu vejo mais isso, que o aluno com a deficiência, ele quer buscar. Ele quer correr atrás. O Pedro é um menino que ele quer estudar, ele quer vencer na vida, ele conta do trabalho dele, a vida dele. Então isso é muito, faz com que os colegas cresçam, quanto eu que dou

aula para ele também. Ele consegue enxergar de outras maneiras. E ele vê com o coração mesmo. Ele está sempre de bom humor. (Professora Carolina).

Em conformidade com que discorre Freire (2008), a possibilidade de emancipação parte do pressuposto de que não há um modelo pronto, e sim a descoberta no processo de interação, do reconstruir, em que a inclusão se dá pela liberdade, pela resistência e pelo reconhecimento de pertença. A partir desse ponto de vista, a promoção de socialização entre os estudantes com deficiência visual e os estudantes que enxergam, os recursos adequados e o tratamento de forma respeitosa favorecem um ambiente de confiança e de esperança, em que todos, tanto a turma quanto o professor, saem ganhando.

O educando se reconhece conhecendo os objetos, descobrindo que é capaz de conhecer, assistindo à imersão dos significados em cujo processo se vai tornando também significado crítico. [...] o educando precisa torna-se educando assumindo-se como sujeito cognoscente e não como incidência do discurso do educador. (FREIRE, 2008, p. 47-48).

A professora Ana reconhece que a inclusão possibilita a emancipação não somente do estudante com deficiência visual, mas a sua própria, ao expressar sua satisfação em lecionar no noturno para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA. Há uma relação dialógica entre os estudantes e o professor, para a compreensão do conteúdo que sirva para a vida, para a formação de cidadãos:

O Pedro é um caso especial. Porque como eu disse, eu já trabalho com ele há quatro anos. Então, assim, a princípio, os primeiros anos foram bastante difíceis. Eu ficava assim apavorada e preocupada com ele em outras disciplinas. Tipo assim: como que ele vai entender Matemática? Porque História, que é a minha disciplina. Eu posso ler em voz alta, comentar com ele, que ele vai assimilando. Não tem assim, tanta necessidade de estar visualizando, a questão das fórmulas, Física, Química, então eu ficava desesperada. Mas aí, a gente foi se acostumando. E ele é uma pessoa muito esforçada, também. Eu também já trabalhei Sociologia com eles. A gente trabalha assim, de uma forma bem dinâmica. Formamos grupos, discutimos. A gente não fica muito presa à questão de só copiar conteúdos. Lógico, o conteúdo é essencial. Mas, eu estou sempre tentando trazer isso para o dia a dia. Eles estão sempre fazendo comentários. A gente faz assim, um entrosamento bem bom mesmo. E surte efeito. É uma maravilha dar aulas na EJA! Pelo menos desta escola. Faz seis anos que eu trabalho aqui. É muito gratificante! Eu chego até a brincar com eles. Eu falo que de dia eu me estresso e de noite eu relaxo. É muito bom! (Professora Ana).

De modo semelhante à professora Ana, a fala da professora Sara expressa uma relação pedagógica pautada em um modelo educacional emancipatório. Informou que no ano anterior já havia lecionado em uma sala que possuía um estudante com baixa visão, e percebeu que o aluno estava sempre aberto para o novo. Aproveitando a oportunidade de formação oferecida pela Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande – SEMED, realizou uma especialização *lato sensu* e inscreveu-se como voluntária no Instituto Sul-

mato-grossense para Cegos “Florivaldo Vargas” - ISMAC a fim de desenvolver a pesquisa. A convivência com pessoa com deficiência visual possibilitou que a professora Ana visse a inclusão escolar como possibilidade de emancipação social por meio das Artes.

No caso da minha matéria em especial, artes eu posso trabalhar com todos os assuntos. É uma disciplina de expressão. Então, o aluno expressa aquilo que ele está sentindo. Ele expressa o conhecimento que ele obteve da matéria. A visão crítica dele com relação ao mundo lá fora. O conteúdo, mesmo trabalhando um conteúdo específico, eu tenho como abranger e como interagir com outros assuntos. Através do desenho, através da escultura, através de uma fotografia. Existem várias leituras possíveis. Através da própria linguagem do próprio Português. Porque há uma simbologia também. As letras também são símbolos. Então eu também posso trabalhar dessa forma com eles. (Professora Sara).

A professora Sara, por sua vez, remete ao entendimento de que a emancipação social perpassa a inclusão escolar. Na perspectiva crítica educacional, a emancipação requer persistência, pois, de acordo com o pensamento de Santos (2007, p. 54), “[...] temos de enfrentar desafios exigentes, [...]. O primeiro desafio é reinventar as possibilidades emancipatórias [...] uma utopia crítica. Estamos em um contexto em que é necessário tentar outras aprendizagens de utopia crítica.”

Vale notar que, apesar dos inúmeros obstáculos que possam aparecer para os professores dos estudantes com deficiência visual, existem educadores, como as professoras Sara e Ana, empenhados em romper as barreiras das desigualdades e da inclusão escolar por meio da Arte, contribuindo para o processo emancipatório da educação inclusiva e para a construção de um espaço de novas vivências e descobertas de possibilidades.

Pode-se afirmar, juntamente com Profeta (2007), que os professores de artes que atuam de forma bem ampla possibilitarão que os estudantes com deficiência visual participem na sociedade não como um espectador tão somente, mas de forma participativa, pois por meio da arte é possível a condução do seu desenvolvimento, o despertar de sua sensibilidade, o que amplia a possibilidade de sua inclusão de maneira digna, crítica e emancipatória. A autora defende ainda que

[...] a arte ensina que é possível transformar, ser flexível, ser original, saber elaborar, criar e aprender – não a formação artística, mas, sim, o uso da arte como agente de criação, modificando o meio e possibilitando ao indivíduo seu bem-estar social. (PROFETA, 2007, p. 225).

O professor Sebastião, de Educação Física, expressa que a emancipação é, sobretudo, a vontade do estudante em participar das atividades, de vencer a timidez para criar novos vínculos de amizade, haja vista que a falta de visão impossibilita a interação que acontece pelo olhar (de aproximação e/ou repulsa) entre as pessoas que enxergam. A partir do momento que o estudante se sente à vontade, o processo de aprendizagem acontece. Porém, expressa que não consegue fazer adaptações em todas as atividades para o aluno cego.

É da vontade deles fazerem. Só que é assim. Eles se sentem à vontade, a partir do momento que eles se sentem à vontade com a sala. No início do ano mesmo, é extremamente complicado. Até você conseguir... Eu não diria nem que seria aceitação. Mas até desse aluno com necessidade, ele se aceitar perante a sala para fazer atividade. Mas, a partir do momento em que ele já consegue interagir, ele participa de maneira natural. Ele perde até aquela timidez. "Ah! A gente pode fazer aquela atividade? É que aí eu consigo fazer!" Ele tem vontade de participar da atividade. Só que nem tudo a gente consegue adaptar. (Professor Sebastião).

O estudante com deficiência visual tem as mesmas condições de acompanhar e aprender todos os conteúdos, igualmente aos estudantes que enxergam. Entretanto, é preciso fazer as adaptações necessárias e utilizar os recursos didáticos apropriados. Nesse sentido, Gil (2000, p. 47), ressalta que "[...] com frequência, ao criar recursos didáticos especiais para aprendizagem de alunos com necessidades especiais, o professor acaba beneficiando toda a classe, pois recorre a materiais concretos, facilitando para todos a compreensão dos conceitos."

Nas observações realizadas durante a pesquisa, registradas em um Diário de Campo, percebeu-se diversas situações em que houve esforços entre os próprios estudantes para interagirem entre si, buscando saídas para se sentirem incluídos, ainda que também vivenciassem processos de in/exclusão. Destaca-se, como exemplo, o registro de uma aula de Educação Física do professor Sebastião, em que um estudante surdo jogava uma partida de poli bate com o estudante cego, com uma das mãos em baixo da mesa e olhos vendados. Possivelmente, a estratégia de vender os olhos destinava-se a oferecer condições de equidade durante a partida, mas, por ele não ouvir, estava com uma mão em baixo da mesa para perceber a vibração da bolinha.

Nesse sentido, remetendo ao pensamento de Freire (1987), pode-se afirmar que é a partir de uma educação comprometida e desafiadora que o professor possibilita ao estudante suas próprias descobertas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apontou que os professores do ensino regular entrevistados compreendem o processo de inclusão dos estudantes com deficiência visual e o exercício de uma cidadania emancipada como processos inseparáveis, que precisam ocorrer em todos os momentos e espaços da escola, reconhecendo a importância de se promover a socialização entre os estudantes com deficiência visual e os estudantes que enxergam.

Os professores também percebem a luta dos estudantes com deficiência visual para estarem incluídos, e que os recursos adequados e o tratamento de forma respeitosa favorecem um ambiente de confiança e de esperança, em que todos, tanto a turma quanto o professor, ganham em novos aprendizados de uma educação possível.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W.; AU, Wayne; GANDIN, Luís Armando. O mapeamento da educação Crítica. In: APPLE, Michael W.; AU, Wayne; GANDIN, Luís Armando. **Educação crítica: análise internacional**. Tradução de Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 14-32.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia de Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo, Paz e Terra, 2008.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. Ed. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

GIL, Marta. **Cadernos da TV Escola: Deficiência Visual**. Brasília: MEC, Secretaria de Educação a Distância, 2000.

LOPES, Maura Corcini, FABRIS, Eli Hernn. **Inclusão & educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MACHADO, Edileine Vieira. Prática interdisciplinar na construção de espaço inclusivo. In: SOUZA, Olga Solange Herval (Org.). **Itinerários da inclusão escolar: múltiplos olhares, saberes e prática**. Canoas: ULBRA; Porto Alegre: AGE, 2008, p. 42 – 53.

MACHADO, Rosângela. **Educação especial na educação inclusiva: política, paradigma e práticas**. São Paulo: Cortez, 2009.

PROFETA, Mary da Silva. A inclusão do aluno com deficiência visual. In: MASINI, Elcie F. Salzano (Org.). **A pessoa com deficiência visual: um livro para educadores**. São Paulo: Vetor, 2007, p. 109 – 136.

SANTOS, Boaventura de Sousa; NUNES, João Arriscado. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileira, 2003, p. 25 – 68.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica: e reinventar a emancipação social**. Tradução Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.

SOUZA, Olga Solange Herval. A (Con)vivência no mundo da sala de aula: percepções e sentimentos de alunos com deficiência visual. In: SOUZA, Olga Solange Herval (Org.). **Itinerários da inclusão escolar: múltiplos olhares, saberes e práticas**. Canoas: ULBRA; Porto Alegre: AGE, 2008.

SLEE, Roger. O paradoxo da inclusão: a política cultural da diferença. In: APPLE, Michael W.; AU, Wayne; GANDIN, Luís Armando. **Educação crítica: análise internacional**. Trad. Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 203 – 216.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aluno 69, 74, 81, 86, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 149, 168, 169, 209, 210, 211, 212

Ambientação online 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 189, 192

Ambiente virtual de aprendizagem 180, 181, 192, 193

Análise documental 125, 130, 135, 143

Aprendizagem ativa 159, 161, 163

Aprendizagem baseada em problemas 56, 159, 160, 162, 163, 165, 168

Assistência estudantil 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 38

Autonomia 6, 17, 25, 37, 53, 54, 82, 83, 84, 103, 124, 127, 129, 136, 147, 157, 159, 166, 167, 181, 183, 186, 191

C

Cartografia 1, 2, 3, 4, 15, 16

China 216, 217, 218, 219, 225, 227, 228

Cidadania 26, 65, 71, 75, 77, 78, 80, 81, 85, 86, 96, 98, 102, 104, 120, 121, 128, 155, 174

Competências socioemocionais 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178

Conhecimento 17, 20, 21, 25, 54, 56, 57, 65, 66, 67, 69, 70, 73, 74, 86, 90, 93, 95, 97, 101, 121, 139, 140, 144, 146, 159, 160, 163, 168, 173, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 191, 192, 212

Currículo em ciclos de aprendizagem 204

D

Dados vinculados 39

Deficiência visual 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103

Desigualdade social 28, 29, 30, 37, 179

E

Educação 1, 2, 3, 6, 10, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 52, 53, 56, 57, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 88, 89, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 193, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 229

Educação profissional 28, 29, 30, 32, 34, 37, 38

Educação superior 29, 32, 138, 139, 141, 146, 156, 158
EJA 2, 3, 6, 100, 119, 120, 121, 122, 123, 124
Emancipação social 96, 97, 98, 101, 103
Ensino domiciliar 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26
Ensino superior 21, 22, 31, 32, 51, 52, 53, 56, 70, 71, 92, 123, 138, 139, 158, 159, 162, 168, 193, 229
Escola de educação infantil 125, 128, 131
Escravidão 68, 70, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87
Espírito Santo 1, 3, 5, 8, 17, 20, 21
Estratégias de aprendizagem 195, 199, 200, 202

F

Formação continuada de professores 204
Formação docente 2, 65, 69, 73, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 151, 157, 215
Formación de ingenieros 195

G

Gestão democrática 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 135, 136, 169

H

Herramientas web 216
História da arte 39
Homeschooling 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27

I

In/exclusão 96, 97, 98, 102

J

Juventude 5, 15, 170, 172, 173, 177

L

Livro didático 70, 77, 79, 80

M

Metáfora 88, 89, 92, 93, 94, 95
Metodologias ativas 51, 53, 54, 56, 159, 160, 161, 162, 165, 167, 168
Micropolítica 1, 11, 12
Militância 1, 2, 3, 10, 11, 12, 13, 15
Museus 24, 39

N

Neoliberalismo 119

P

Pedagogia 23, 24, 57, 72, 88, 89, 91, 92, 103, 117, 118, 123, 124, 136, 157

Percepção estudantil 159

Plataforma Moodle 181, 182

Política educacional 119, 122, 124, 206

Práticas coletivas 51, 53

Preconceito 65, 68, 73, 74

R

Recorrido de estudio e investigación 195, 198, 203

Relações étnico-raciais 65, 69, 70, 75

Representação 4, 83

Rural 30, 33, 57, 58, 59, 60, 61, 64

S

Sala de aula invertida 159, 160, 163, 165, 166, 167, 168

Sistemas de respuesta inmediata 216, 222, 226

T

Teoría antropológica de lo didáctico 195

Teoria histórico-cultural 88, 89, 92, 93, 94

Tipos de aprendizaje 195, 200

Trabajo en equipo 216, 219, 221, 222, 226

Transição escolar 204

V

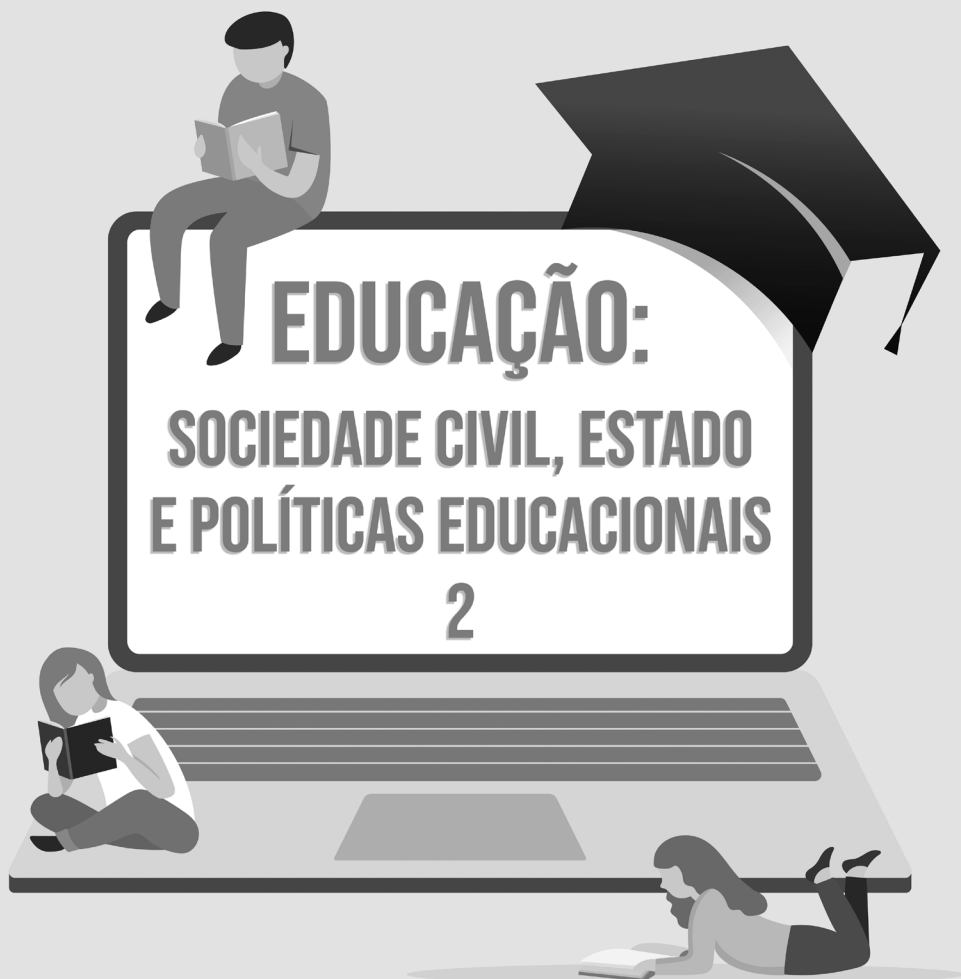
Valorização do magistério 138, 140, 142, 143, 146, 147, 154

Visitas 39, 130, 131

Vulnerabilidades 170, 173, 174, 175, 177

W

Wikidata 39, 41, 42, 43, 44, 48, 50



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2021



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2021